

SEÇÃO ESPECIAL: DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO PERÍODO PANDÊMICO: (IM)POSSIBILIDADES DE AÇÕES E ACOLHIMENTO NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UFT/ARAGUAÍNA

Vanessa Lessio Diniz<sup>1</sup>, Roberto Antero da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

No primeiro semestre de 2020, assistimos à suspensão do calendário de graduação da Universidade Federal do Tocantins devido à pandemia (COVID-19). Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar os desafios, as possibilidades e as dificuldades do curso de licenciatura em Geografia (campus Araguaína) em propor ações formativas e de acolhimento para seus(suas) discentes. Para isso, coletamos informações sobre a situação dos(as) estudantes nos primeiros meses do distanciamento social (com auxílio do formulário do *Google*) e os relatos destes(as) sobre o *I Seminário Online do curso de Geografia da UFT/Araguaína* realizado nos dias 8 e 9 de junho de 2020. Os resultados sinalizam as limitações de ordem tecnológica e de um contexto social inédito, culminando mais em impossibilidades do que em possibilidades de ações. O principal desafio encontrado foi o fato de que a maioria dos(as) estudantes não dispõem dos recursos necessários para o acompanhamento de atividades on-line.

**Palavras-chave:** Formação de professores. Pandemia da COVID-19. Tecnologias da informação e comunicação. Desigualdade regional. Norte do Tocantins.

### Como citar este documento – ABNT

DINIZ, Vanessa Lessio; SILVA, Roberto Antero da. Formação de professores no período pandêmico: (im)possibilidades de ações e acolhimento no curso de Geografia da UFT/Araguaína. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 10, e024711, p. 1-18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.24711>.

Recebido em: 21/08/2020  
Aprovado em: 14/11/2020  
Publicado em: 13/12/2020

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína, TO, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1088-6314>. E-mail: [vanessalessiodiniz@gmail.com](mailto:vanessalessiodiniz@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína, TO, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0832-4539>. E-mail: [robertoantero@uft.edu.br](mailto:robertoantero@uft.edu.br).

## FORMACIÓN DOCENTE EN EL PERIODO DE PANDEMIA: (IM)POSIBILIDADES DE ACCIONES Y ALOJAMIENTO EN LA CARRERA DE GEOGRAFÍA DE LA UFT/ARAGUAÍNA

### RESUMEN

En el primer semestre de 2020, vimos la suspensión del calendario de graduación de la Universidad Federal de Tocantins debido a la Pandemia (COVID-19). En este contexto, este artículo tiene como objetivo analizar los desafíos, posibilidades y dificultades de la carrera de Geografía (campus Araguaína) para proponer acciones formativas y de acogida para sus estudiantes. Para ello, recopilamos información sobre la situación de los estudiantes en los primeros meses de distancia social (con la ayuda del formulario de *Google*) y sus informes sobre el *1er Seminario Online de la carrera de Geografía de la UFT/Araguaína* realizado en los días 08 y 09 junio de 2020. Los resultados indican las limitaciones del orden tecnológico y un contexto social sin precedentes, que culminan más en imposibilidades que en posibilidades de acciones. El principal desafío fue el hecho de que la mayoría de los estudiantes no cuentan con los recursos necesarios para monitorear las actividades en línea.

**Palabras clave:** Formación de profesores. Pandemia COVID-19. Tecnologías de la información y la comunicación. Desigualdad regional. Norte de Tocantins.

## TEACHER TRAINING IN THE PANDEMIC PERIOD: (IM)POSSIBILITIES OF ACTIONS AND HOST IN THE GEOGRAPHY COURSE AT UFT/ARAGUAÍNA

### ABSTRACT

In the first semester of the academic year 2020, we saw the suspension of the Federal University of Tocantins graduation calendar due to the Covid-19 pandemic. In this context, this article aims to analyze the challenges, possibilities and difficulties of the Geography course (Araguaína Campus) in proposing training and welcoming actions for their students. For this, we collected information on the situation of students in the first months of social distance (utilizing *Google forms*) and their reports on the *First Online Seminar of the Geography Course at UFT/Araguaína* held on 08 and 09 June 2020. The results indicate the technological limitations of an unprecedented social context, culminating more in impossibilities than in possibilities of actions. The main challenge encountered was the fact that the majority of students do not have the necessary resources to monitor online activities.

**Keywords:** Teacher training. Covid-19 pandemic. Information and communication technologies. Regional inequality. Northern Tocantins.

## INTRODUÇÃO

A pandemia ocasionada pelo coronavírus SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19, começou a ter contorno no Brasil a partir da segunda semana de março de 2020. Até aquele momento, acompanhava-se o noticiário sobre uma epidemia localizada na China, iniciada na cidade de Wuhan<sup>3</sup>, capital da província de Hubei. Não se tinha informações ou projeções de que tal epidemia fosse atingir o sistema internacional das redes de fluxos e os pontos nodais<sup>4</sup> desse sistema, como, por exemplo, portos e aeroportos. No entanto, segundo Haesbaert (2020), num mundo moldado pelos territórios-rede onde os corpos se deslocam com muito mais rapidez e intensidade ao longo de circuitos que canalizam fluxos e malhas aéreas, foi muito difícil manter o controle e impedir a mobilidade dentro de áreas de menor ou maior amplitude.

Dessa forma, no decorrer dos primeiros meses de 2020, o vírus chegou ao continente europeu, e, em março, a Europa passou a ser considerada o novo centro ativo da COVID-19. Logo a doença ganhou maior notoriedade da imprensa mundial, aumentando rapidamente seu número de contaminados e mortos e evidenciando o colapso do sistema de saúde e do sistema funerário de países como Itália, França e Espanha. Em pouco tempo, essa epidemia foi declarada pela Organização Mundial da Saúde, no dia 11 de março de 2020, como uma pandemia. Isso significava que a doença havia crescido em quantidade inesperada, por várias regiões do planeta, em diferentes continentes, passando de transmissão local fixada a transmissão comunitária<sup>5</sup>.

Nesse momento, passamos a entender a pandemia como um evento geográfico<sup>6</sup> (SANTOS, 2008). Este é um acontecimento significativo que altera a geografia e o curso da história onde ele ocorre, ou seja, a pandemia é um veículo que integra realidades díspares,

---

<sup>3</sup> Wuhan possui uma população estimada de 11,8 milhões de habitantes (2018), trata-se de uma cidade chinesa industrial, símbolo da reconstrução do país após a crise econômica da década passada. Seu grau de desenvolvimento urbano é consequência direta da expansão da sua economia, impulsionada pela canalização de fundos de investimento em infraestrutura e construção de imóveis (LIMA, 2020).

<sup>4</sup> Segundo Lynch (2010), os pontos nodais são pontos estratégicos que apresentam focos intensivos, os quais determinam e auxiliam a locomoção de indivíduos e de mercadorias. São também chamados “pontos de decisão” e podem ser junções, cruzamentos, bifurcações ou convergências.

<sup>5</sup> Em relação à COVID-19, entende-se que a transmissão local é o caso de pessoas que não estiveram em nenhum país com registro da doença, mas que se infectaram quando tiveram contato com outro paciente infectado que trouxe o vírus de fora do país. A transmissão comunitária é o caso de transmissão do vírus entre a população em geral, ou seja, é uma modalidade de circulação da qual as autoridades de saúde não conseguem mais rastrear o primeiro paciente que originou as cadeias de infecção (VALENTE, 2020).

<sup>6</sup> Com base em Santos (2008, p. 149), quando um evento emerge, ele propõe uma nova história, isto é, os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características e, se não mudam as formas como visualmente se apresentam, mudam os seus significados, mudam os seus sentidos e os seus conteúdos. O evento é um rompimento com um modo de fazer, com um modo de acontecer, trazendo em si um caráter organizacional, pois modula, na sua escala de abrangência, os ritmos de atividade, delimitando e qualificando o tempo social, sendo por isso encarado como irreversível.

promovendo uma ruptura do curso normal das coisas. Neste caso, podemos citar que a dispersão do SARS-CoV-2 nos continentes trouxe um rompimento no ritmo da globalização urbana, moderna e capitalista que estávamos vivenciando, atingindo territórios e lugares de diferentes maneiras, uma vez que essa pandemia precisa ser analisada como multiescalar e multifacetada.

De um modo geral, passamos a ver os países a fecharem ou limitarem suas fronteiras, restringirem a locomoção interna dos cidadãos, decretarem isolamento social – e, em casos extremos, decretarem o *lockdown* (TOSTES; MELO FILHO, 2020). Esse evento também alterou o curso dos sistemas educacionais de todo o mundo. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (COVID-19, 2020), 190 países fecharam escolas e universidades, com mais de 1,5 bilhão de estudantes afetados.

Nessa direção, no dia 16 de março de 2020, as aulas presenciais da Universidade Federal do Tocantins (UFT) foram suspensas. No final do mesmo dia, por meio de nota da reitoria, foi informado que a instituição passaria a se alinhar às medidas de proteção para o enfrentamento da emergência de saúde pública gerada pela COVID-19 presentes no ato normativo MEI SEDGD/SGDP n° 19, de 12 de março de 2020, com alterações dadas pelo MEI SEDGD/SGDP n° 20, de 13 de março de 2020 e n° 21, de 16 de março de 2020, que suspendeu as atividades escolares e em creches de todo o estado do Tocantins.

Tivemos nesse momento a interrupção das atividades e das aulas presenciais na UFT e, com isso, professores e estudantes começaram a desenvolver as atividades de ensino remotamente. Podemos dizer que os docentes utilizaram conhecimentos e recursos didático-pedagógicos que já possuíam para atender as demandas iniciais desse ensino remoto, buscando produzir, em seus contextos de trabalho, saberes que eles compreendiam e dominavam (TARDIF, 2014). As aulas aconteceram por meio de transmissões via ferramentas digitais de comunicação, com transmissão de aulas ao vivo, exercícios on-line, entre outros mecanismos, tendo como principal objetivo manter os estudantes em um ritmo de estudo, mesmo estando distantes do espaço físico da universidade. No entanto, foram enormes os desafios para implementar, ainda que de forma temporária e emergencial, um ensino a distância com qualidade e não excludente, sobretudo no contexto do ensino superior da região Norte do país<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Segundo Teramatsu (2014), sobre o ensino superior no Brasil, é possível dizer que, entre 1940 e 1970, ocorreu um crescimento lento do ensino superior, centrado principalmente nos estados do Centro-Sul e alguns do Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco). Já na década seguinte, o crescimento ocorreu em outros estados do Centro-Sul e Nordeste, e apenas na década de 1960 foi verificado na região Norte. O autor também aborda que apenas nos anos 2000 ocorreu um intenso crescimento da população com formação superior no Brasil e a expansão da educação superior para além dos grandes centros, cenário este em que o campus de Araguaína da UFT está inserido.

Assim, logo começaram a aparecer os primeiros problemas com relação ao ensino remoto, que vão desde a falta de recursos tecnológicos e acesso a uma internet de qualidade, até a falta de formação para manuseio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que vão muito além das redes sociais. Em pesquisa recente sobre a formação de professores no norte do Tocantins, Queiroz (2020) sinaliza que as desigualdades sociais regionais do Brasil estão diretamente relacionadas à falta de autonomia do aluno para aprendizagem pelas TICs, além da ausência de qualificação profissional do professor para utilizar recursos digitais. Ademais, segundo pesquisa do Comitê Gestor da Internet (CGI), no Brasil (CGI, 2020), ainda hoje, 58% dos domicílios não têm acesso a computadores e 33% não dispõem de internet.

Com base nesses dados, levar adiante as soluções para o ensino de modo remoto ou a distância nesse caráter emergencial em período pandêmico tornou-se complicado, principalmente para os grupos sociais mais vulneráveis. Segundo Pereira (2018), precisamos compreender que as desigualdades sociais são características estruturais das sociedades capitalistas em que vivemos, reforçadas pelas políticas neoliberais e responsáveis pelo panorama das exclusões. Pode-se dizer que no Brasil:

O processo de exclusão atinge diferentes grupos: os maiores percentuais de excluídos estão entre os negros (população classificada como pretas e pardas pelo IBGE), indígenas e quilombolas; nos homens adultos das regiões Norte e Nordeste que habitam a área rural, e, nas mulheres das regiões Norte e Nordeste que participam dos segmentos de renda mais baixa (PEREIRA, 2018, p. 21).

Nessa situação, em reunião extraordinária no dia 30 de março de 2020, o Conselho Universitário da UFT (Consuni) deliberou a suspensão do Calendário Acadêmico de 2020 dos cursos presenciais de graduação, iniciada no dia 31 de março, por tempo indeterminado. A partir desse momento de suspensão, tivemos um silenciamento dos(as) estudantes do curso de Geografia, os e-mails pararam de chegar e a movimentação dos grupos de interação pelo aplicativo *WhatsApp* foi acabando pouco a pouco.

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de licenciatura em Geografia da UFT/Araguaína, preocupado com a situação dos(as) estudantes, começou a pensar em ações de aproximação, acolhimento e formação, principalmente para os(as) discentes ingressos(as) do semestre de 2020/1 e 2019/2. Tais estudantes foram considerados mais vulneráveis por não estarem ainda inseridos nas múltiplas atividades acadêmicas, por meio de projetos de extensão ou pesquisa, ou porque ainda não possuíam auxílio para permanência estudantil. Esses fatores podem aumentar a desmotivação, o medo e a falta de perspectiva, podendo levar a uma possível desistência do curso. Cabe ressaltar que, sendo o isolamento social a principal forma de prevenção da doença COVID-19, tornou-se difícil estruturar ações que não fossem realizadas nos espaços virtuais, por meio das ferramentas digitais.

Nesse sentido, na 3ª Reunião Ordinária do Colegiado de Geografia, realizada no dia 22 de abril de 2020, um dos pontos de pauta discutidos foram as “Propostas de ações para acompanhamento dos(as) acadêmicos(as) ingressos nos semestres de 2020/1 e 2019/2 no período de suspensão do calendário pela pandemia (COVID-19), encaminhadas pelo NDE”. A partir da ata de tal reunião, destacam-se os seguintes encaminhamentos:

- a) Fazer com que os(as) docentes do 1º e 2º períodos mantivessem contato com os grupos de discentes através de aplicativo de mensagens, redirecionando as mensagens para questões informativas e não atividades de ensino;
- b) Elaboração de um questionário para diagnosticar a situação dos(as) discentes durante o atual período de pandemia;
- c) Planejar rodas de conversa on-line com os(as) discentes;
- d) Organização do *I Seminário Online do curso de Geografia da UFT/Araguaína* (UFT, 2020a).

Dentro desse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar os desafios, as possibilidades e as dificuldades do curso de licenciatura em Geografia (campus Araguaína) em propor ações de aproximação, acolhimento e formação de professores para os discentes mantendo as normas de distanciamento social e trabalho remoto. Para tanto, o texto está estruturado da seguinte forma: primeiramente, apresentamos um diagnóstico realizado a partir da aplicação de um questionário sobre a situação dos(as) estudantes do curso de Geografia nos primeiros meses do período de pandemia. Posteriormente, apresentamos um relato sobre a experiência da realização do *I Seminário Online do curso de Geografia da UFT/Araguaína* e a contribuição deste evento para os(as) estudantes. Por fim, tecemos algumas considerações sobre as (im)possibilidades de ações, uma vez que estas abarcaram uma pequena parte dos(as) discentes matriculados(as) no curso.

### **DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO DOS(AS) ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA (UFT/ARAGUAÍNA) NOS PRIMEIROS MESES DO PERÍODO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL**

Somente escutando os(as) nossos(as) estudantes teríamos condições, enquanto Colegiado e NDE, de promover ações de formação e acolhimento que de fato fossem uma contribuição positiva para eles(as). Para isso, foi elaborado um questionário tendo dois principais objetivos: 1. Manter o contato e pensar formas de apoio e acolhimento aos estudantes; 2. Realizar um diagnóstico da realidade dos(as) nossos(as) estudantes frente aos usos e acessos às TICs.

Buscando alcançar o maior número de estudantes, optamos por obter essas informações a partir de um questionário hospedado na plataforma *Formulários Google* vinculado ao e-mail institucional da coordenação do curso de licenciatura em Geografia (UFT/Araguaína), sendo

formado por questões objetivas e subjetivas. A construção do questionário foi realizada inicialmente pelos autores deste trabalho, com sugestões dos demais docentes do curso de Geografia, que foram incorporadas à sua versão final.

A divulgação do link do questionário ocorreu pelo e-mail institucional da UFT, bem como por mensagens compartilhadas no grupo de Geografia do aplicativo de mensagens *WhatsApp* e nos grupos das disciplinas nos quais os(as) estudantes estavam inscritos(as), sendo disponibilizado em 30 de abril de 2020 e permanecendo ativo por três semanas. A interpretação dos resultados foi feita com base nas respostas obtidas em diálogo com autores dos campos educacional e geográfico, somadas às reflexões oriundas de nossas experiências prévias com investigações. Os dados obtidos nos questionários foram organizados e analisados por meio de gráficos gerados pelo *Formulários Google* e pelo *Excel*.

Obtivemos 91 respostas entre os(as) 272 estudantes vinculados(as) ao curso, o que significa que 33,5% dos(as) nossos(as) discentes responderam o questionário. Esse cenário nos suscita dois questionamentos, que não foram aprofundados neste estudo: a) os estudantes não tiveram interesse em participar do questionário? b) os estudantes não tiveram acesso ao link do questionário por não verificarem mensagens, ou por falta de acesso contínuo à internet?

De acordo com as respostas, 61,6% identificaram-se como do sexo feminino e 38,4% como do masculino. Estudantes com idade de 21 a 25 anos representaram quase metade da amostra (48,8%), vindo depois o grupo de 16 a 20 anos (24,2%), seguido por quem tem idade de 26 a 30 anos (14,3%), depois os(as) com idade de 36 a 40 anos (8,8%) e, por fim, aqueles(as) com idade superior a 40 anos (4,4%).

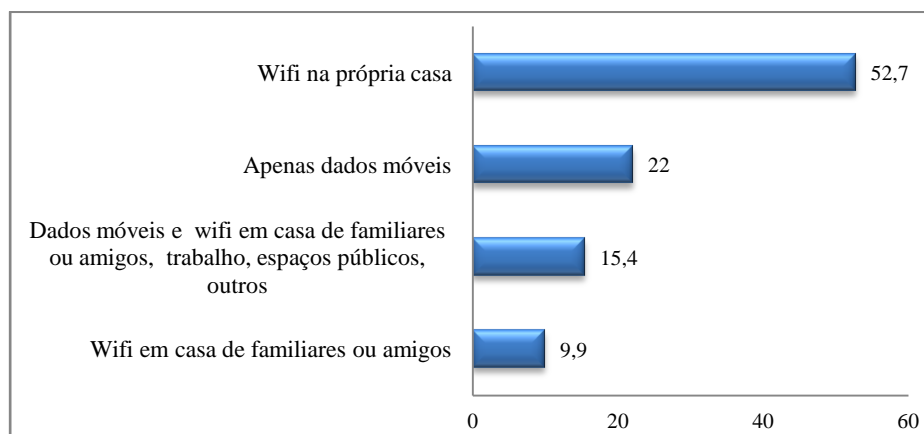
Depois perguntamos o ano/semestre de ingresso no curso, sendo perceptível que a maior expressividade dos(as) estudantes ingressou no ano/semestre de 2020/1, totalizando 18,7% dos(as) participantes, fato que pressupomos que esteja relacionado a ansiedade e expectativas frustradas dos calouros em ver as aulas e as demais atividades presenciais suspensas, após apenas duas semanas de ingresso no ensino superior. A segunda maior participação foi de ingressantes em 2017/2, com 14,3%, seguidos pelos(as) de 2016/2, com 13,2%, depois os(as) de 2017/1, com 11%, os(as) originários(as) de 2018/1, com 9,9%, e por fim aqueles(as) do semestre 2019/1, com 7,7%. Os(as) demais possuíam matrícula relacionada aos semestres de 2013/2 até 2016/1.

Os dados mostram que Araguaína é o município de residência de 69,2% dos estudantes, com os outros 30,2% distribuídos em municípios do estado do Tocantins, como Araguaína, Aragominas, Ananás, Aguiarnópolis, Babaçulândia, Carmolândia, Darcinópolis, Filadélfia, Muricilândia, Nazaré, Palmeiras do Tocantins, Wanderlândia, Xambioá, Riachinho, São Bento do Tocantins; do Maranhão, a exemplo de Estreito e Carolina; e do estado do Pará, como

Floresta do Araguaia. Essa questão está diretamente relacionada à discussão sobre a oferta desigual do ensino superior no Brasil, a partir de Santos e Silveira (2000) nos alertam que a localização dos campi universitários tem um papel relevante.

Neste sentido, dependendo de sua localização, o cidadão é, assim, menos provido de meios para ter acesso aos bens e serviços. É a questão da fluidez potencial e efetiva do território. Na busca desses bens e serviços, um número cada vez maior de pessoas se instala em um número cada vez menor de lugares, tornando assim propícios à difusão do ensino superior (SANTOS; SILVEIRA, 2000, p. 35).

Após essa breve caracterização do perfil dos(as) estudantes de Geografia, direcionamos as duas questões seguintes do formulário à compreensão sobre o uso de ferramentas digitais e acesso à internet dos(as) nossos(as) estudantes. A questão “Como ocorre seu acesso à internet?” possibilitou aos(as) estudantes marcar uma ou mais alternativas. Conforme expressa no Gráfico 1, encontramos uma realidade em que 52,7% dispõem de internet na própria residência tipo wi-fi e banda larga, em síntese, essa informação mostra que pouco mais da metade dos(as) estudantes possuem uma internet de melhor qualidade.



**Gráfico 1** – Formas de acesso à internet pelos(as) acadêmicos(as) do curso de Geografia da UFT de Araguaína (%) – 2020

Fonte: pesquisa direta com uso de *Formulários Google*, maio de 2020.

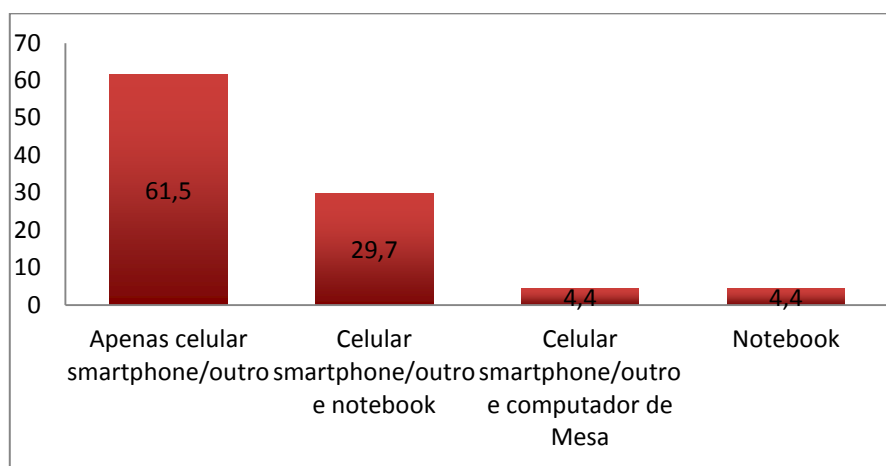
Como exposto no Gráfico 1, há um grupo correspondente a 22% dos(as) estudantes que participaram do questionário que utiliza exclusivamente dados móveis, ou seja, apenas conexão de internet do celular vinculada a uma operadora de telefonia. A proporção desses(as) usuários(as) torna-se ainda mais ampliada, pois outros 15,4% combinam uso de dados móveis com internet wi-fi em casa de familiares, amigos, trabalho, espaços públicos; pela sua natureza, essas outras possibilidades de uso e acesso podem ser consideradas como esporádicas. Portanto, podemos considerar 37,4% dos(as) estudantes como dependentes de uso da internet pelo celular. Como agravante, há ainda um grupo, correspondente a 9,9% do total dos(as) participantes, que afirmou somente fazer uso de internet ao chegar na casa de



familiares ou amigos. Sobre esses dados de uso e acesso aos recursos tecnológicos e à internet, podemos fazer relação com a ideia das hierarquias socioespaciais trabalhadas por Santana Filho (2020). Ao analisar o acesso à educação no Brasil, o autor discorre que:

Este pensamento sobre hierarquias socioespaciais nos parece fundamental que esteja presente neste debate e, assim, se exponha o caráter estrutural da sociedade brasileira: os privilégios de classe e de raça, a subordinação do local ao externo, a negação de direitos para muitos e muitas (indivíduos e etnias) e a afirmação do poder e da oportunidade para poucos. Entenderemos que o acesso à educação, em nossa história – curta história, mas de marcas dramáticas –, além de ser um direito com exclusividade para os ricos, foi, durante muito tempo, também um direito de gênero. Então, o que, na atualidade, se consolida como uma educação globalizada, contemporânea, expressa, na verdade, um contexto de radicalização da educação para quem pode pagar por ela, e muito menos como direito marcado por uma dívida social e histórica da sociedade brasileira consigo mesma (SANTANA FILHO, 2020, p. 158-159).

Dando continuidade à análise, questionamos sobre quais os recursos tecnológicos os(as) estudantes dispunham para uso na sua residência, sendo novamente possível marcar mais de uma opção. Um dado alarmante sobre nossos(as) discentes foi que 61,5% responderam que dispõem apenas de aparelhos do tipo *smartphone*/outro conforme é apresentado no Gráfico 2. Os(as) que dispõem de outros equipamentos tecnológicos como *notebook* e *computador de mesa*, mais viáveis para realizar atividades mais complexas, como as de ensino, somam apenas 38,5% dos(as) participantes da pesquisa (91 estudantes). Essas informações nos mostram um cenário de muitos desafios para pensarmos um possível retorno com qualidade e segurança para todos e todas.



**Gráfico 2** – Recursos tecnológicos que estudantes de Geografia da UFT de Araguaína possuem para uso na residência – 2020

Fonte: pesquisa direta com uso de *Formulários Google*, maio de 2020.

De modo complementar, direcionamos os questionamentos buscando respostas diretas, mas com possibilidade de justificativa, sobre a possibilidade de que os(as) estudantes teriam condições e suporte tecnológico para participar de atividades relacionadas a sua formação com temas diversos da ciência geográfica, como palestras, cursos livres, rodas de conversa, e outros. Os resultados mostram que 56% poderiam sim dispor dessa participação. Para um(a) estudante *“seria bem legal um grupo online para realizar tais informações e estarmos por dentro do que realmente está acontecendo”*; para outros(as) há interesse, no entanto disseram que *“é um desafio acompanhar com os dados móveis, mais seria interessante manter o diálogo e poder assistir cursos e palestras”* ou dizem que *“sim, porém, a velocidade da minha internet não favorece o acesso”*.

Ademais, um percentual bastante significativo de estudantes, correspondente a 44%, afirmou que não é possível a participação nas atividades supracitadas. Esse grupo apresentou algumas justificativas como: *“não, porque eu uso o celular da minha mãe, esse é meu único meio de comunicação e não é sempre que eu estou com ele”*; ou então *“não, o celular é de baixa qualidade e a internet também não é boa, apesar de ser rede wifi”*; surgindo ainda aqueles(as) que não podiam, por estarem *“em um local onde tem o mínimo de suporte de tecnologia para que possa realizar tal tipo de atividade”*.

Na sequência, visamos obter informações mais específicas sobre a situação dos(as) estudantes no período de pandemia da COVID-19, que impôs o distanciamento social. Arguimos, primeiro, sobre qual o principal meio de informação utilizado para acompanhar os desdobramentos da pandemia, permitindo respostas múltiplas. O conjunto de meios como *WhatsApp*, televisão, *Facebook* é fonte de informação para 41,8%; já outros 20,9% preferem a televisão como fonte informativa; enquanto 15,0% utilizam exclusivamente redes sociais como *WhatsApp*; seguido por grupo correspondente a 12,1% que faz uso da televisão,

jornais on-line e *Facebook*; e ainda os(as) que preferem informar-se apenas nos jornais on-line, que somam 9,9%.

A próxima pergunta foi se estavam seguindo as orientações de isolamento social, permitindo três possibilidades: “sim, totalmente”, ou “realizo parcialmente”, ou então “não realizo”. 68,8% disseram que realizam totalmente, enquanto outros 30,1% afirmaram que realizam parcialmente, e ainda 1,1% que não realiza. As respostas “realizo parcialmente” e “não realizo” estão relacionadas aos estudantes que continuaram trabalhando e às pessoas que precisam sair de casa para ir ao mercado, pagar contas, movimentar-se para ações de manutenção da casa e da família.

Prosseguindo, relacionadas à mesma temática, realizamos duas questões abertas. Para a primeira questão, *“Como você se sente neste período de pandemia (Coronavírus/COVID-19)? Quais os pontos positivos e negativos do isolamento social para você?”*, encontramos uma variedade de respostas, entretanto quase todas relacionadas à falta que as relações sociais fazem no dia a dia (18,6%), ao sentimento de ansiedade e medo frente à COVID-19 (35,1%) e ao sentimento de bem-estar por conseguir se proteger do vírus (28,5%). Um(a) estudante relatou que estava *“Com medo do vírus, e muita gente achando que isso é brincadeira”*, outro(a) colocou que o isolamento é *“Positivo: estamos nos prevenindo de contrair a doença e prevenindo o nosso próximo também. Negativo: temos que ficar longe de quem gostamos e temos a necessidade de sair algumas vezes na rua, pois temos contas a pagar e consultas médicas, mas com a pandemia não está funcionando normalmente”*, ainda tivemos respostas como *“Estou bem. Estou conseguindo escrever partes do meu trabalho de conclusão de curso. A parte ruim é o isolamento das pessoas”*, e também *“Nesse momento delicado e preocupante, sinto medo, mais o isolamento é essencial nesse momento, porque o mais importante é nossa saúde”*.

No que diz respeito à segunda questão, *“Quais suas angústias, expectativas e dúvidas sobre o seu processo de formação universitária ou sobre o curso?”*, selecionamos, a partir de seis temas, as respostas que mais se repetiram e pudemos agrupá-las da seguinte forma: 1. Não concluir o curso ou TCC – 42,8%; 2. Falta de previsão de retorno e atraso do semestre – 17,5%; 3. Suspensão do calendário e necessidade de realizar novas matrículas nas disciplinas – 5,49%; 4. Medo do acúmulo de atividades no retorno das aulas – 4,3%; 5. Preocupação com a realização e conclusão dos estágios supervisionados – 3,2%; 6. Aflição sobre a produtividade acadêmica no período de pandemia – 2,19%. Sabe-se que o período de distanciamento ocasionado pela pandemia evidenciou também a preocupação com a saúde mental dos(as) nossos(as) estudantes, já que presenciamos uma ruptura no tecido social, havendo uma quebra momentânea no convívio, afetando os laços de afetos e de comunicação direta, sendo uma experiência difícil para muitas pessoas.

A partir desse diagnóstico, foi proposta a realização de um seminário on-line, como forma de acolhimento e aproximação, buscando manter o contato para incentivar a não desistência do curso, para ouvir as aflições e angústias dos(as) estudantes, mas tendo como objetivo realizar uma ação formativa. Pensando a formação de professores de Geografia atuantes e críticos, nada melhor que, em tempos de pandemia, pensar na espacialização do SARS-CoV-2 e refletir sobre o papel da Geografia para além da sala de aula e em nossas vidas. Portanto, apresentamos a seguir um relato da experiência de realizar um evento on-line no curso, abordando juntamente a avaliação realizada pelos participantes sobre o seminário.

### **O I SEMINÁRIO ONLINE DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UFT/ARAGUAÍNA: EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO, APROXIMAÇÃO E FORMAÇÃO NO PERÍODO PANDÊMICO**

O I Seminário Online do Curso de Geografia da UFT/Araguaína ocorreu integralmente de forma on-line, desde sua organização, as reuniões de planejamento, o convite para os palestrantes, as inscrições para a participação, até as palestras e os debates. O evento foi cadastrado na plataforma *Serviços Integrados do Câmpus de Palmas (SISMA)*, sendo realizado por meio da plataforma digital de reuniões *Google Meet*. Disponibilizamos o link de acesso na página de cadastro no *SISMA* e também o compartilhamos por meio das redes sociais, como o *Facebook*, o *Instagram* do curso *Geografia Araguaína* e em grupos de *WhatsApp*. Além disso, divulgamos o evento pelo cartaz on-line mostrado na Figura 1.



**Figura 1** – Cartaz on-line de divulgação do evento  
Fonte: comissão organizadora do evento, 2020.

O evento foi realizado durante os dias 8 e 9 de junho de 2020. Dividimos as temáticas apresentadas a partir de duas finalidades: 1. Apresentar um panorama geral do curso no período de pandemia (COVID-19); 2. Apresentar a contribuição das pesquisas geográficas

para compreender a espacialização do SARS-CoV-2 no Brasil e seus impactos em nossa sociedade.

Tivemos cadastrados no *SISMA* um total de 46 inscritos, entre esses professores universitários, professores da rede básica de ensino de Araguaína e estudantes de Geografia da UFT do campus de Araguaína e de Porto Nacional. Durante o primeiro dia do evento, na plataforma do *Google Meet*, tivemos a participação de 66 pessoas e no segundo dia aproximadamente 70 pessoas, esses números de participantes oscilavam para mais e para menos ao longo do encontro. Após a finalização do evento, realizamos um questionário de avaliação. Obtivemos 25 respostas (54,3% dos(as) participantes cadastrados(as) no *SISMA*), o que nos proporcionou um feedback sobre as temáticas abordadas no seminário, sobre a estrutura on-line do evento e sobre a forma de inscrição e acesso a ele.

Sobre a utilização da plataforma *Google Meet*, 40% dos(as) participantes acharam boa, 28% excelente, 24% muito boa, e apenas 8% consideraram-na regular. Ainda perguntamos se os participantes tiveram dificuldades com o acesso à plataforma, 36% disseram que sim e 64% que não. O seminário aconteceu no espaço virtual, mas não deixou de ser um momento de reencontro e aproximação após longos três meses em que nos encontrávamos em distanciamento físico, configurando-se como um espaço-tempo de diálogo e debate entre professores universitários, professores da educação básica e estudantes do curso de licenciatura em Geografia. Esse seminário teve o objetivo de ouvir os estudantes, tentar motivá-los e, acima de tudo, olhar para essa pandemia pelas lentes geográficas.

No primeiro dia do encontro, buscamos, apesar do distanciamento, proporcionar um espaço de acolhimento aos estudantes. A primeira fala, realizada pela Profa. Dra. Vanessa Lessio Diniz, teve como objetivo apresentar para os(as) estudantes o resultado do questionário preenchido por eles, debatendo sobre as dificuldades em propor ações fora do ambiente virtual e que contemplem todos(as) os(as) acadêmicos. É por esse motivo que chamamos de (im)possibilidades de ações, pois, a partir do cenário das desigualdades frente ao acesso às TICs, não conseguimos pelo espaço virtual chegar a todos(as) os(as) estudantes do curso de Geografia da UFT/Araguaína. Esse cenário torna dificultoso dar continuidade ao processo formativo que estavam vivenciando.

Durante esse período, de suspensão do calendário de graduação, os professores do Colegiado de Geografia continuaram suas atividades por meio do trabalho remoto, desenvolvendo pesquisas, extensões e participando de cursos de formação continuada docente. Nessa mesma fala, foram apresentadas também as ações realizadas no curso que atingem diretamente os(as) estudantes, tais como: participação no Edital da EDUFT para a publicação de um livro abordando experiências do curso, intitulado *FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM GEOGRAFIA: Vivências teórico/práticas no Norte do Tocantins*; elaboração

de um projeto de pós-graduação *lato sensu* em Geografia com três áreas de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano, Ensino de Geografia e Planejamento Ambiental; aprovação de 2 bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) da Universidade Federal do Tocantins; envio de propostas de pesquisas para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC); e contemplação das bolsas dos seguintes programas: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Geografia e Programa Residência Pedagógica de Geografia.

A segunda fala da primeira noite foi do Prof. Dr. Roberto Antero da Silva, coordenador do PIBID de Geografia de Araguaína, e da Profa. Dra. Antônia Márcia Duarte Queiroz, coordenadora do Residência Pedagógica de Geografia de Araguaína. Ambos apresentaram para os(as) estudantes a importância desses programas para a formação docente e apresentaram os critérios e datas para a seleção dos(as) bolsistas.

A última fala do primeiro dia foi do Prof. Dr. Airton Sieben, que teve como objetivo homenagear o Dia do(a) Geógrafo(a) (29 de maio) e o Dia do Meio Ambiente (5 de junho), trazendo discussões sobre as transformações no pensamento geográfico e as perspectivas da Geografia na atualidade.

Podemos dizer que a formação de professores de Geografia não representa uma tarefa fácil ou simples, pois exige o desenvolvimento de um constante olhar crítico-reflexivo para as rápidas transformações do mundo e também para sua própria prática docente (CAVALCANTI, 2013). Assim, a ciência geográfica, a partir da sua abordagem espacial, dialética e crítica, torna-se fundamental na compreensão da pandemia da COVID-19. Dessa forma, no segundo dia do seminário, o foco foi apresentar as contribuições da Geografia para a análise da pandemia. A primeira fala foi da Profa. Dra. Kênia Gonçalves Costa, apresentando, a partir da pesquisa intitulada *Notificando o medo, a percepção das pessoas sobre o covid-19 e o problema da disseminação pela malha urbana e rodoviária*, uma cartografia e percepção da COVID-19 na malha rodoviária na porção norte dos vales dos rios Araguaia e Tocantins. Posteriormente, tivemos a fala do Prof. Dr. Rodolfo Alves Luz, apresentando um trabalho cartográfico de espacialização do vírus, realizado por meio do mapeamento da COVID-19 no Tocantins. E, por último, a fala do Prof. Dr. Vinícius Gomes de Aguiar, apresentando uma análise geográfica dos dados numéricos disponibilizados nos Boletins Epidemiológicos da região.

Sobre as temáticas abordadas no seminário, 44% dos(as) participantes acharam-na excelente, 44% disseram que foram muito boas e 12% que foram boas. Obtivemos comentários como: *“As abordagens apresentadas e as perspectivas de pesquisas de geógrafos da UFT incrementam uma melhora na compreensão de algumas especificidades da sociedade do tempo presente”*; também disseram que *“Os seminários online são ótimas*

*oportunidades de troca de conhecimento unindo no mesmo debate pessoas de vários lugares, de forma prática e de baixo custo. São temáticas enriquecedoras que trazem qualidade à nossa formação. Aguardo que esta nova modalidade fique consolidada pelas instituições aproximando pessoas em debates que agregam conhecimento”; por fim, comentaram que o evento foi “Muito bom, sem falar na inovação que foi um evento totalmente online, com reflexões do mundo atual, as interferências do covid. Sendo essas experiências de grande importância tanto para a continuação da formação como para a futura docência”.*

Notamos que as temáticas abordadas e a estrutura on-line do *I Seminário* foram consideradas pelos(as) estudantes como uma ação positiva de acolhimento e formação, porém o número de discentes do curso de Geografia (UFT/Araguaína) cadastrados(as) no SISMA (29) foi baixo em comparação ao número de matriculados(as) no curso (272). Nesse sentido, com este resultado, vemos a necessidade de discussão e planejamento do Colegiado e do NDE para ampliar cada vez mais nossas ações durante a continuidade da suspensão do calendário acadêmico no período pandêmico.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após seis meses de suspensão das atividades presenciais na UFT devido à pandemia mundial, causada pelo SARS-CoV-2, a nossa proposta de manter contato, acolhimento e ações que visam efetivar o processo de formação docente de modo remoto on-line está condicionada a limitações de ordem tecnológica e de um contexto social inédito e ainda enigmático, culminando mais em impossibilidades do que em possibilidades.

Entre os desafios, professores e alunos intentaram um aprendizado rápido e imperfeito com o uso de novas TICs. Como condição geral da sociedade brasileira e também específica de nossa realidade no norte do Tocantins, o mais agravante é que a maioria dos estudantes não dispõem de recursos necessários para o acompanhamento de atividades on-line. Soma-se a essa situação, o contexto social imposto por um surto na saúde em nível internacional, que promoveu distanciamento social, bem como um refreamento dos debates e das definições acadêmicas habitadas ao ambiente presencial; e a constante aflição pela saúde física e mental própria, dos familiares e de pessoas do convívio cotidiano.

É importante ressaltar que os debates e a preocupação sobre a situação dos(as) discentes de Geografia, nesse período de suspensão do calendário, têm sido constantes e abordados em reuniões do Colegiado do curso de licenciatura em Geografia e do Núcleo Docente Estruturante (NDE), que mantiveram periodicidade regular mensal, e até mesmo convocações extraordinárias. Desse modo, em reunião do NDE de 22 de junho de 2020, foram apontados os seguintes questionamentos e sugestões para um possível cenário de

retorno às aulas de modo remoto. Para pensar no retorno das atividades de ensino e aulas de forma remota, é preciso:

- a) avaliar as condições sociais, econômicas e psicológicas dos estudantes;
- b) avaliar as condições de saúde (física e mental) dos docentes e técnicos envolvidos;
- c) prover Internet e equipamentos tecnológicos para os que não dispõem;
- d) proporcionar outros meios de ensino remoto sem uso de internet;
- e) conhecer e acolher o posicionamento dos estudantes;
- f) debater amplamente em todo o campus sobre a realização dos estágios supervisionados frente à pandemia;
- g) capacitar docentes para a implementação do ensino remoto através das tecnologias digitais (UFT, 2020b).

Ademais, foram apontados outros questionamentos, como por exemplo: “Quais as garantias de condições de trabalho e saúde para a comunidade universitária frente à pandemia?” e “Sobre os materiais tecnológicos e a internet para os estudantes, o MEC vai disponibilizar tais recursos?”. Gostaríamos, ainda, de destacar que o Colegiado de Geografia considera fundamental estruturar um possível retorno atendendo às especificidades dos alunos indígenas, quilombolas, moradores de periferias, grupos de risco e moradores dos estados vizinhos. Isso se faz necessário uma vez que o retorno das atividades na forma remota, híbrida ou semipresencial provoca quebra de isolamento, ocasionando a mobilidade de estudantes (ex.: deslocamentos de viagens entre cidades ou de uma UF a outra; pequenos deslocamentos para ter acesso à internet para realizar atividades).

Por fim, acreditamos que este trabalho possa contribuir para as reflexões no campo educacional do ensino superior no período pandêmico, em especial para os cursos de formação de professores de Geografia, abrindo espaço para outras interlocuções em tempos tão atípicos e desafiantes, que nos fazem (re)pensar e (re)significar nossas práticas docentes e de pesquisa.



## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. *O ensino de geografia na escola*. 2. reimpr. Campinas, SP: Papirus, 2013.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET. *Internet, Desinformação e Democracia*. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. 60 p. Disponível em: [https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/4/20200327181716/relatorio\\_internet\\_desinformacao\\_e\\_democracia.pdf](https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/4/20200327181716/relatorio_internet_desinformacao_e_democracia.pdf). Acesso em: 15 jul. 2020.

COVID-19: conte à UNESCO como você está lidando com o fechamento das escolas. *UNIC Rio de Janeiro*, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://unicrio.org.br/covid-19-conte-a-unesco-como-voce-esta-lidando-com-o-fechamento-das-escolas/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

HAESBAERT, Rogério. Reflexões geográficas em tempos de pandemia. *Espaço e Economia – Revista Brasileira de Geografia Econômica*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 18, p. 1-5, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.11826>.

LIMA, Débora Assumpção e. A origem da pandemia está no que se come. *Boletim Lua Nova*, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://boletimluanova.org/2020/06/01/a-origem-da-pandemia-esta-no-que-se-come/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. Reflexões sobre a Geografia Escolar frente às questões de desigualdades, diversidade e exclusão. *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais (UEG)*, Iporá, v. 7, n. 2, p. 14-27, jan./jul. 2018.

QUEIROZ, Antônia Márcia Duarte. Formação de professores de Geografia na Amazônia: TIC e Ensino no Norte do Tocantins. *Revista Ciência Geográfica*, Bauru, v. 24 n. 1, p. 375-402, jan./dez. 2020.

SANTANA FILHO, Manuel Martins de. Implicações das Políticas Educacionais recentes para os professores e formadores de professores de Geografia. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 10, n. 19, p. 153-172, jan./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i19.914>.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O ensino superior público e particular e o território brasileiro*. Brasília: ABMES, 2000.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

TERAMATSU, Gustavo. A Educação Superior no território brasileiro: aproximações a partir dos dados dos censos demográficos (1872-2010). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7., 2014, Vitória. *Anais [...]*. Vitória: UFES, 2014.

TOSTES, Anjuli; MELO FILHO, Hugo. *Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois*. Bauru: Canal 6, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. *Ata da 3ª Reunião Ordinária do Colegiado de Geografia, de 22 de abril de 2020*. Araguaína: Colegiado de Geografia, 2020a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. *Ata da 3ª Reunião Ordinária do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Geografia, de 22 de junho de 2020*. Araguaína: Núcleo Docente Estruturante, 2020b.

VALENTE, Jonas. Covid-19: governo declara transmissão comunitária em todo o país. *Agência Brasil*, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/covid-19-governo-declara-transmissao-comunitaria-em-todo-o-pais>. Acesso em: 15 jul. 2020.

### **Vanessa Lessio Diniz**

Professora adjunta do curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Ensino de Geografia, Currículo e Formação de professores, atuando principalmente nos temas: metodologia do ensino de Geografia, estudos culturais e identidade, estágio supervisionado e pedagogia crítica do lugar.

vanessalessiodiniz@gmail.com

### **Roberto Antero da Silva**

Professor adjunto do curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). Possui graduação em Geografia pela Universidade do Tocantins, mestrado e doutorado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará. Possui experiência de quinze anos como docente na educação básica. Desenvolve estudos e/ou pesquisas nos temas: cidade e urbanização, planejamento urbano e regional, desigualdades socioespaciais, ensino de Geografia e cidadania.

robertoantero@uft.edu.br